



Impactos do Coronavírus na Agropecuária do Mato Grosso do Sul

(Equipe da Sureg-MS: Getúlio Moreno, Lucilio Matos Linhares, Marcelo de Oliveira Calisto e Maurício Ferreira Lopes)

A pandemia causada pelo coronavírus é um dos problemas mais graves já enfrentados pela humanidade, trazendo transtornos no âmbito da saúde, política e economia. Apenas no Mato Grosso do Sul, 53 pessoas haviam sido infectadas até a data de 02/04/2020.

Dentro das propriedades rurais, via de regra, as atividades estão ocorrendo dentro da normalidade. Normalmente fazem estoque de insumos de longo prazo, uma prática típica das atividades agropecuárias.

Relato de um informante do município de Rio Brillhante – MS:

Até o momento nenhuma atividade produtiva está sendo impactada, porque o grande volume de insumos já foi para o campo (sementes, adubos e produtos para o plantio). Agora a maioria das entregas são de produtos para manejo que já haviam sido recebidos dos nossos fornecedores e já estão nos nossos depósitos. Estamos trabalhando de portas fechadas, mas estamos atendendo as demandas, ou seja, o produtor liga e fazemos as entregas. Nossas atividades são enquadradas como atividades essenciais, não podemos parar - e realmente não podemos parar mesmo – caso contrário as lavouras serão comprometidas.

Apesar de muitas *tradings*, cooperativas e revendas de insumos atuarem com 100% das atividades, inclusive com visitas a campo e assistência técnica, a maioria estão de portas fechadas trabalhando no sistema de *home office*, fazendo vendas por e-mail, telefone e *whatsapp*, e entregando os insumos e demais produtos na porta dos estabelecimentos ou nas propriedades.

As culturas de milho e soja representam mais de 90% da produção de grãos do Mato Grosso do Sul e são muito intensivas em capital para a produção. No ciclo 2019/2020 a produção destas duas culturas foi uma das maiores da história, contribuindo para a oferta de alimentos não só para o estado, mas também para outras unidades da federação e países. A preocupação neste momento é o transporte, principalmente da soja, na medida em que o sistema logístico é afetado.

Os maiores problemas do estado vão ocorrer na parte da logística e oferta de mão-de-obra e não na produção de alimentos em si, e tais problemas tendem a ser agravados a partir dos meses de abril e maio. Além disso, para cada setor os impactos serão diferentes dadas as particularidades de cada cadeia de produção.

Nesta crise causada pela pandemia, tanto as cotações das commodities agrícolas listadas em bolsas de mercados e futuros, quanto os preços dos produtos nos níveis pagos

aos produtores, atacado e varejo oscilaram muito. Os preços são os melhores indicativos da situação de determinado produto agrícola e são um freio ou estímulo ao consumo, por isso, são explorados em cada discussão das cadeias de produção a seguir.

1. Cadeia de produção da soja

No estado, a cultura teve o pico de colheita no final de fevereiro e início de março, e por isso, foram comuns as filas de caminhões para recebimento nos armazéns e dificuldades para a exportação. Com aproximadamente 97% das lavouras já colhidas, a comercialização da safra atual é de aproximadamente 74%. Mesmo com a grande oferta do produto, os preços estão estáveis e altos em comparação ao mesmo período das safras anteriores, apesar das baixas cotações nas bolsas internacionais (figura 1).

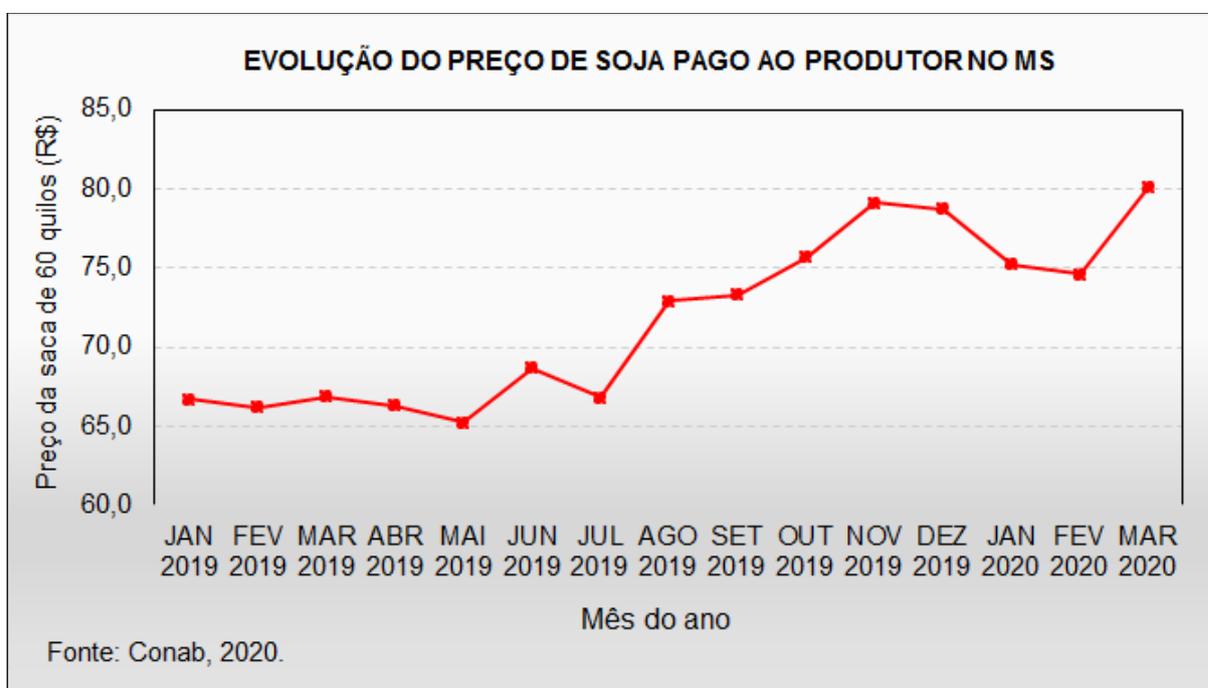


Figura 1. Evolução dos preços pagos aos produtores de soja no disponível em Mato Grosso do Sul entre janeiro de 2019 e março de 2020.

A principal razão para a sustentação dos preços da soja foi a elevada cotação do dólar em relação ao real, o que pode ser observado comparando-se as figuras 1 e 2. Para o período analisado, a correlação entre estas duas variáveis foi de 0,78%, uma correlação positiva e alta. Esta pandemia trouxe instabilidades para as economias mundiais, desvalorizando moedas de países emergentes como o Brasil. A moeda americana teve uma disparada a partir do mês de fevereiro de 2020, contribuindo para a elevação dos preços pagos aos produtores do estado, mesmo com os preços internacionais baixos (figura 2).

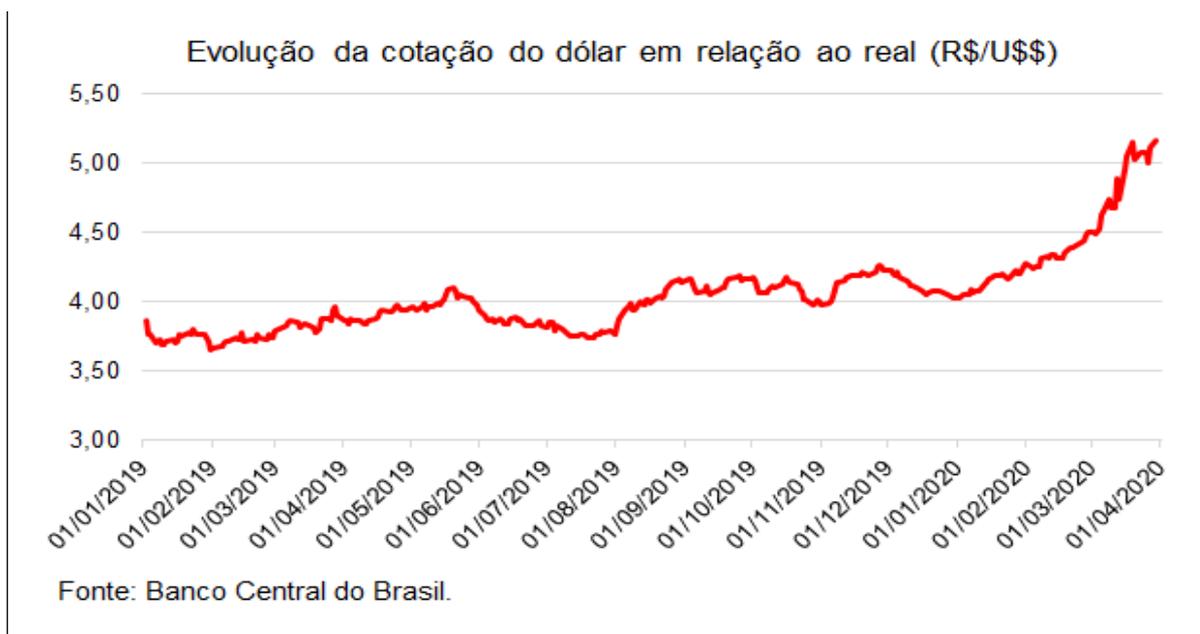


Figura 2. Evolução da cotação do dólar em relação ao real entre o período de janeiro de 2019 e março de 2020.

muito concentrada, ocasionando tumultos e dificuldades para enviar para os portos, problemas que podem ser potencializados, uma vez que os prazos para embarque se intensificam a partir de abril, na medida em que a restrição de circulação de pessoas tende a aumentar com o aumento de casos confirmados do coronavírus.

Há uma grande preocupação dos agentes com relação aos países importadores (mais da metade da soja produzida no estado é exportada), principalmente a China, com relação às restrições, ou reduções de compras por parte dos compradores da leguminosa. Além disso, todos os atores da cadeia estão apreensivos com relação à safra vindoura de 2020/2021 principalmente com relação aos insumos importados como os fertilizantes e princípios ativos dos agroquímicos, os quais certamente estarão mais caros e como todas as atividades industriais foram afetadas no mundo, pode haver também um desabastecimento destes produtos.

2. Cadeia de produção do milho

O Mato Grosso do Sul é o quarto maior produtor de milho do Brasil e dada a sua pequena população e consumo interno, a maioria da produção estadual é destinada para outras unidades da federação e exportação. O consumo interno é de aproximadamente 28% da produção estadual, sendo direcionado à alimentação de bovinos, suínos e aves.

Devido aos bons preços praticados no ano de 2019 e no primeiro trimestre de 2020 (figura 3), praticamente todo cereal colhido no ano passado já foi comercializado (estima-se que no final de março de 2020, havia apenas 300 mil toneladas de grãos armazenados no estado). O mês de março foi de poucas chuvas no estado e todas as lavouras plantadas em

algum momento sofreram com o estresse hídrico, além das altas temperatura. Assim como ocorre para a soja, os preços pagos aos produtores vêm numa escalada de alta (figura 3). Além da influência da alta da moeda americana, os preços refletem as previsões de grandes volumes a serem exportados e o pequeno estoque de passagem da safra anterior.

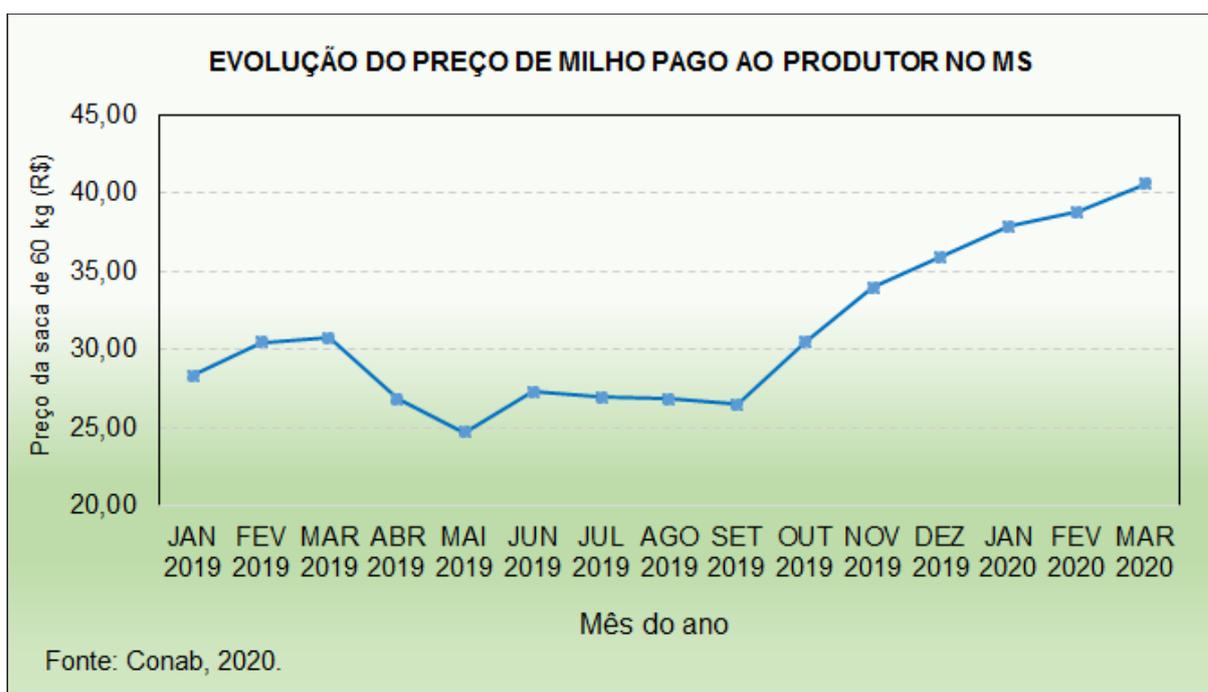


Figura 3. Evolução dos preços pagos aos produtores de milho no disponível em Mato Grosso do Sul entre janeiro de 2019 e março de 2020.

Apesar do início da colheita das lavouras de milho primeira safra a partir de março, elas correspondem a menos de 3% da safra estadual, ou seja, até que comece a colheita de milho segunda safra a partir de junho, haverá pouca oferta de grãos para o consumo interno.

Até o final de março, a área total de milho segunda safra plantada era de aproximadamente 95%. Das lavouras já semeadas, havia 10% em emergência, 82% em desenvolvimento vegetativo e 8% em florescimento/embonecamento. Por causa do atraso na semeadura provocado pelo deslocamento do plantio da soja e pelo período seco de março, estima-se que aproximadamente 25% das áreas da cultura foram semeadas fora do zoneamento de risco climático.

Como o principal uso do cereal é na fabricação de rações, os preços elevados e a provável quebra de produção nesta safra no estado, tendem a aumentar os preços das carnes, consequentemente elevar a inflação. Neste cenário, os problemas na cadeia de produção de milho tendem a agravar a crise provocada pelo coronavírus.

Por outro lado, por ser uma cultura produzida prioritariamente para o mercado interno, com a recessão econômica projetada e a redução do consumo de proteína animal, pode

ocorrer a redução da demanda com a conseqüente queda nos preços pagos aos produtores. Isto têm preocupado os agricultores que plantam a cultura em sucessão à soja.

Como os produtores já estão com praticamente todos os insumos nas propriedades, até o momento não há relatos de grandes interferências em função da pandemia de coronavírus, porque todos os fornecedores continuam trabalhando (mesmo que em *home office*), tanto no fornecimento de insumos quanto no recebimento de grãos. Além disso, a maioria dos insumos para a cultura já havia sido entregue antes da pandemia e adotaram-se procedimentos de agendamento para evitar aglomerações na retirada de produtos que os agricultores necessitam no manejo das lavouras.

3. Cadeia de produção da carne bovina

A cadeia de produção de carne bovina já vem apresentando instabilidades desde setembro de 2019 decorrentes da entressafra da produção brasileira naquele ano, época de final do ano, abate de fêmeas, desvalorização do real perante o dólar e peste suína na China. Tais fatores causaram uma variação de 30,80% dos preços da arroba bovina pagos aos produtores entre março de 2019 e março de 2020.

A carne bovina tem uma maior elasticidade-renda da demanda em relação a outros alimentos como feijão e arroz. Sendo assim, os frigoríficos, as redes de distribuição, atacadistas e varejistas têm maior dificuldade em repassar os preços para o consumidor final do estado. Atualmente, já pode ser observado um aumento dos preços das carnes em geral nas redes atacadistas e varejistas da capital Campo Grande, porém ainda modesta, entretanto é uma cadeia muito sensível para a alimentação da população e será monitorada semanalmente no estado.

No presente momento, os frigoríficos estão abatendo normalmente, mas já relatam problemas para exportação, enquanto o mercado interno está sendo abastecido sem tantos problemas.

Caso os problemas de restrição da população perdurem por muito tempo, as atividades começarão a ser impactadas. É consenso entre os atores da cadeia que esta crise levará a uma recessão do Brasil e do mundo. Nestas condições, as pessoas tendem a reduzir o consumo de proteína animal, ou seja, redução da demanda, a qual terá impacto direto nos preços da carne bovina, similares e derivados.

4. Cadeia de produção do feijão

O feijão é uma cultura cultivada em variados sistemas de cultivo no estado, com emprego de baixa, média e alta tecnologia, onde mais de 90% da cultura é semeada na segunda safra em sucessão à cultura da soja.

No ano de 2019, o estado produziu um pouco mais da metade do consumo interno, logo o preço é muito influenciado pela entrada de produtos produzidos no Paraná, Goiás, São Paulo e Minas Gerais que também cultivam nas épocas de primeira e segunda safras.

Na última semana do mês de março, foi observada uma alta considerável dos preços em todos os níveis (pago ao produtor, atacado e varejo), aumentando a média dos preços daquele mês (figura 4).

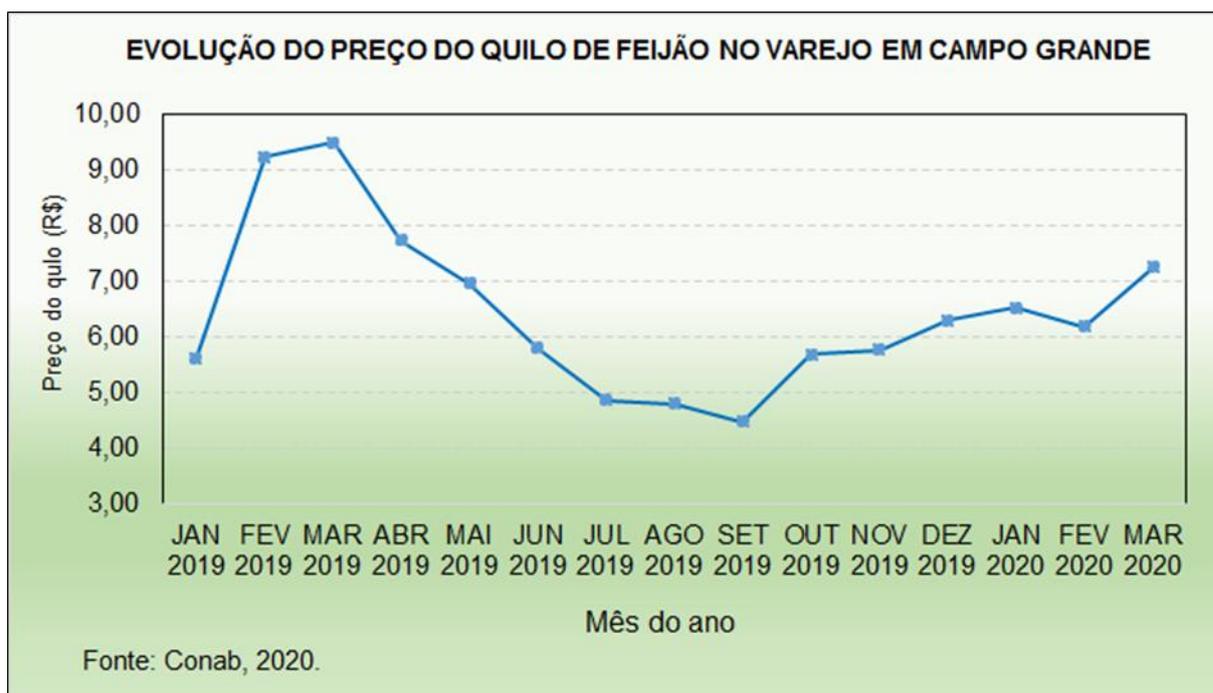


Figura 4. Evolução dos preços de feijão no varejo nas redes de supermercados de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, entre janeiro de 2019 e março de 2020.

A cultura do feijão primeira safra foi afetada nos principais estados produtores pela seca em alguns estados e excesso de chuvas em outros, prejudicando o abastecimento em nível nacional, portanto, a alta dos preços observada não pode ser atribuída como uma relação de causa e efeito com o coronavírus, mas um somatório de ambos os fatores. Além disso, tem-se observado muita especulação entre as empacotadoras e as redes atacadistas e varejistas, com constantes acusações entre os mesmos de subirem os preços alegando problemas de falta de produto e dificuldade logística por causa do coronavírus.

A semeadura da segunda safra de feijão normalmente tem início em março, porém devido ao período seco, ela será semeada em abril no Mato Grosso do Sul. Esta safra plantada no estado e no restante do país terá um papel importante para a regulação da oferta, conseqüentemente dos preços a partir deste momento.

5. Cadeia de produção do arroz

O arroz é um dos treze componentes da cesta básica brasileira, é o alimento mais consumido pelos sul-mato-grossenses, portanto, é um cereal estratégico para a segurança alimentar.

A colheita do estado está sendo finalizada e estima-se que 85% das lavouras foram colhidas até o final de março, com uma estimativa de 70% de comercialização dos grãos. Mesmo com o avanço na colheita no estado e nos principais produtores, como o Rio Grande do Sul, os preços tiveram uma alta considerável no mês de março na rede varejista do Mato Grosso do Sul (figura 5). Assim como ocorreu para o feijão, esta alta, que também foi observada nos preços pagos aos produtores e na rede atacadista do estado, decorre dos estoques baixos no Mato Grosso do Sul e país, alta do dólar, que afeta a importação, bem como das especulações decorrentes da pandemia do coronavírus.

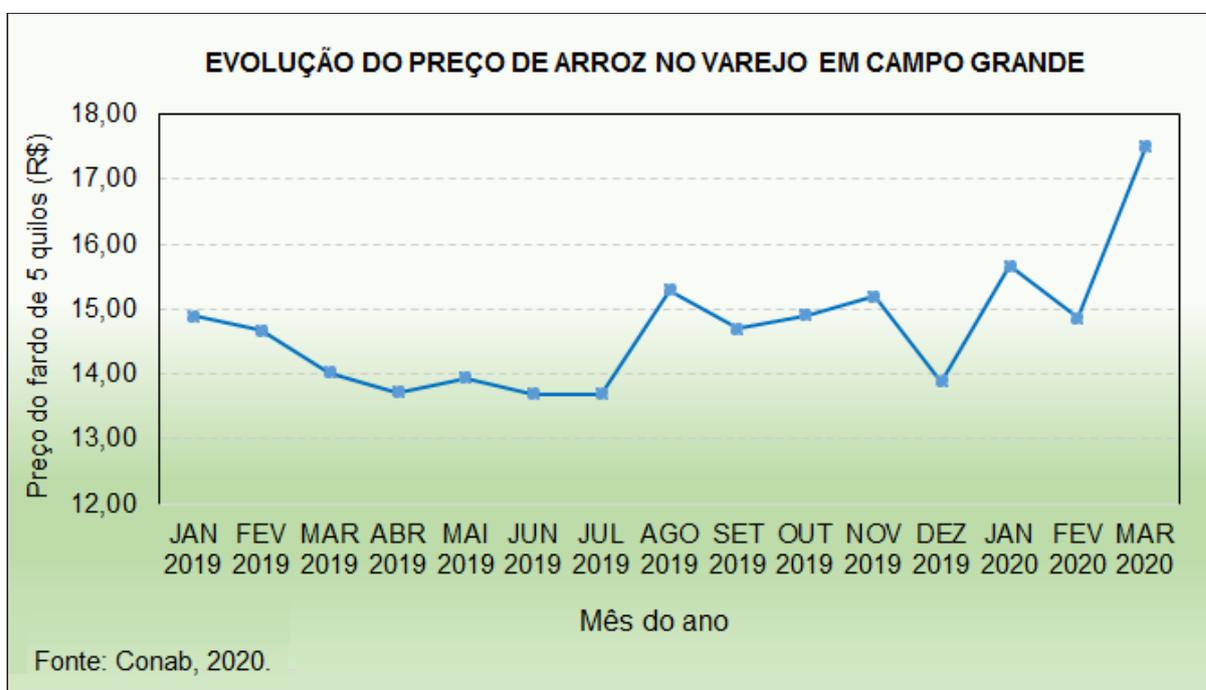


Figura 5. Evolução dos preços de arroz no varejo nas redes de supermercados de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, entre janeiro de 2019 e março de 2020.

O arroz é um alimento de pouca elasticidade de preço da demanda, ou seja, a procura do consumidor é pouco influenciada pela elevação dos preços nos estabelecimentos comerciais. Entretanto, com a perda da renda de uma parcela da população, o consumo tende a diminuir com o aumento dos preços. Vale ressaltar que no Mato Grosso do Sul não houve *lockdown* como em outros países, apenas medidas de restrição, que inclusive começaram a ser diminuídas já no início de abril na capital Campo Grande. Tais efeitos terão impacto direto no consumo e preços do cereal no estado a partir de agora. Neste contexto, tal como para as demais cadeias discutidas neste estudo, haverá um acompanhamento permanente dos problemas causados por esta pandemia neste alimento tão importante.

**IMPACTOS DO CORONAVÍRUS NA
AGROPECUÁRIA DO MATO GROSSO DO SUL**



Conab

Companhia Nacional de Abastecimento